

O APÊNDICE DE COMENTÁRIO: CLASSIFICAÇÃO INFORMACIONAL E MORFOSSINTÁTICA À LUZ DA TEORIA DA LÍNGUA EM ATO¹

Cássia Jacqueline Fernandes Oliveira

RESUMO: Por meio de parâmetros entonacionais e ferramentas informáticas, a fala pode ser segmentada em enunciados e unidades tonais/informacionais para ser estudada em sua estrutura informacional. Investiga-se a unidade informacional de Apêndice de Comentário na fala espontânea do português do Brasil à luz da Teoria da Língua em Ato. A investigação é baseada em uma amostra de *corpus* de diatopia predominantemente mineira, o C-ORAL-BRASIL, idealizado nos mesmos moldes do C-ORAL-ROM para o português europeu, italiano, francês e espanhol, privilegiando a variação diafásica a fim de se obter um leque maior de ilocuções e de possibilidades de estruturação informacional da fala.

PALAVRAS-CHAVE: Unidades Informacionais; Teoria da Língua em Ato; Apêndice de Comentário.

ABSTRACT: *In order to study its structure informative speech can be segmented into utterances and units tonal/information, using parameters that measure the system and intonational via computer. In this home, following the Theory of Language in Act, it is studied the information unit of Comment Appendix in spontaneous speech Brazilian Portuguese. The survey was performed on a sample of a body of diatopic predominantly State Minas Gerais, the C-ORAL-BRASIL, designed in the same form of the C-ORAL-ROM for European Portuguese, the Italian, French and Spanish, emphasizing the diaphasic point of view variation to obtain greater range of Illocutionary act and possibility of information structures of spoken.*

KEYWORDS: *Informational Units; Theory of Language in Act; Comment Appendix.*

Introdução

Esse trabalho se propõe a mostrar alguns resultados da aplicação da Teoria da Língua em Ato ao Português do Brasil (PB). Em particular estudar-se-á a unidade de Apêndice de Comentário (APC), apresentando os resultados das primeiras análises informacional e morfossintática realizadas em oito textos de fala espontânea retirados do mini-corpus² que constituirá o C-ORAL-BRASIL³. A metodologia utilizada baseia-se na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000; MONEGLIA, 2005; RASO, MELO, JESUS DE DEUS, 2007; ULISSES, 2008).

¹ Esse artigo é parte do texto apresentado no exame de qualificação para doutorado em lingüística de corpus.

² A fim de se garantir a disponibilidade de material informativo, foi criado um mini-corpus composto de 20 textos, 3000 enunciados e 30.000 palavras. Este mini-corpus foi transcrito, segmentado, alinhado e etiquetado, conforme se propõe a Teoria da Língua em Ato.

³ Esse corpus compõe o quinto ramo do C-ORAL-ROM e tem como objetivo o estudo da estrutura informacional do PB e suas ilocuções baseado na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000). Esse corpus será composto de 30 horas de gravação, que serão divididas em 15 horas de âmbito informal e 15 horas de formal.

É objetivo desse estudo, ainda, estabelecer uma comparação entre a pesquisa realizada por ELENA TUCCI (2006) sobre a unidade de Apêndice de Comentário e os resultados oriundos dos estudos sobre essa mesma unidade, no PB.

1. A Teoria da Língua em Ato

A Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000)⁴ fundamenta-se na correspondência entre unidade de ação e unidade lingüística (enunciado), através de parâmetros entonacionais⁵. Essa correspondência admite a segmentação do discurso em unidades mínimas, os enunciados, capazes de veicular uma ilocução. O enunciado, conforme essa perspectiva teórica, é tido como a “contraparte lingüística da ação”; isto é, a contraparte lingüística do ato ilocutório, e é interpretável pragmaticamente em autonomia. Isso significa, entre outras coisas, que um enunciado não precisa necessariamente possuir um verbo, e pode, inclusive, ser composto por uma única interjeição, desde que entoado de maneira a cumprir uma ilocução, isto é, uma intencionalidade comunicativa interpretável pragmaticamente.

A identificação dos enunciados se realiza através de uma quebra entonacional percebida como de valor terminal. Esse princípio baseia-se na teoria da fonética perceptual (t'HART-COLLIER-COHEN, 1990); dele surge, portanto, uma relação biunívoca entre enunciado e ilocução, baseada em uma interface entonacional. A cada enunciado, unidade mínima de significado pragmático, corresponde uma única ilocução, uma intencionalidade do falante.

O enunciado pode ser simples ou complexo. Simples se executado em uma única unidade tonal, e complexo, se executado em mais unidades tonais. Cada unidade tonal veicula, em princípio, uma unidade informacional, acarretando em uma relação — também, em princípio, biunívoca — entre unidade tonal e informacional. De acordo com Cresti (2000), o interlocutor percebe as fronteiras entre as unidades (tonais e informacionais) graças a quebras entonacionais percebidas como não terminais. As quebras terminais são aquelas que

⁴ Para um resumo da teoria e uma primeira aplicação ao português do Brasil, veja-se Raso e Mello (2009), Ulisses (2008) e Alves de Deus (2008). Vários outros trabalhos foram publicados ou estão em preparação a partir do mesmo quadro teórico. Entre eles MAIA ROCHA, RASO, ANDRADE (2008); RASO, GOULART, no prelo; RASO, MELLO, no prelo a e b.

⁵ A entonação está relacionada à estrutura informativa do enunciado, desempenhando papel decisivo na organização da fala e complementando a mensagem, podendo carregar informação não indicada no conteúdo verbal. A intenção do falante determina o tipo de entonação que será utilizada e fornece pistas ao ouvinte, possibilitando a sua interferência ou não no discurso.

sinalizam a conclusão de um enunciado e, portanto, de uma ação; ou seja, identificam os enunciados no continuum da fala. As quebras não terminais demarcam o fim de uma unidade tonal (e informacional) interna ao enunciado.

Nas convenções de transcrição adotadas pela Teoria da Língua em Ato, os enunciados são demarcados com uma barra dupla (//), que indica a quebra terminal; as quebras não terminais são indicadas por uma barra simples (/).

Somente um tipo de unidade informacional é obrigatória, o “Comentário”, porque veicula a força ilocucionária. As demais são opcionais. Dessa forma, os enunciados simples são compostos unicamente pela unidade informacional de Comentário, enquanto os enunciados complexos, além da unidade de Comentário, possuem uma ou mais unidades, cuja função não será a de transmitir a força ilocucionária, mas de construir um padrão informal que ajuda na realização do comentário.

O tipo de força ilocucionária não está subordinado ao conteúdo locutivo, uma vez que podemos ter o mesmo conteúdo locutivo realizando diferentes ilocuições, como podem existir diferentes conteúdos locutivos realizados de maneira a veicular a mesma ilocução. Desse modo, a curva entonacional, junto a parâmetros pragmáticos, cognitivos e semiológicos, é que permitirá ao interlocutor a identificação da intenção de um determinado conteúdo locutivo produzido.

As unidades informacionais são identificadas no enunciado através de três critérios distintos: o critério entonacional (perfil entonacional característico de cada unidade), o critério funcional (função exercida pela unidade no enunciado) e o critério distribucional (posição da unidade no enunciado). Dessa forma, a junção desses três critérios possibilita a criação de um parâmetro de identificação das unidades informacionais da fala.

Como já se disse, a unidade de Comentário (ou “COM”) é a mais importante, porque é a única necessária e suficiente à constituição de um enunciado. Essa unidade possui a função de carregar a força ilocucionária, e, portanto, a autonomia pragmática do enunciado. Entonacionalmente possui vários perfis, mas sempre com foco, já que o perfil dessa unidade identifica o tipo de ilocução. É a unidade de Comentário que confere interpretabilidade pragmática ao enunciado. Distribucionalmente pode estar em qualquer posição e é em relação a ela que se definem as posições das outras unidades.

O Tópico (ou “TOP”) se define, funcionalmente, como o campo de aplicação da força ilocucionária e delimita semanticamente a ação do comentário. Ele é independente de

qualquer configuração sintática, mas deve indicar um domínio de identificação ao qual o COM se refere; porém, distribucionalmente, é obrigatório que esteja sempre à esquerda do COM, mas não necessariamente no início de um enunciado ou em posição adjacente ao comentário. É a unidade mais importante de um padrão informacional complexo, além de ser frequente. Ela também possui um perfil entonacional com foco. É a única unidade, além do COM, a possuir foco. Esse foco está sempre à direita da unidade.

O Apêndice (ou “AP”), funcionalmente, é um elemento de integração textual das unidades de Comentário (ou “APC”) ou de Tópico (ou “APT”); distribucionalmente, precisa ocupar a posição após a unidade da qual é apêndice, podendo aparecer depois do Tópico (APT) ou do comentário (ou “APC”). Este último, sendo objeto do presente estudo, será mais detalhado na seção 2. O Apêndice é considerado como uma unidade de sufixo e sua ocorrência é sempre depois de uma unidade de raiz (COM) ou de uma unidade de prefixo (TOP). Dessa forma, se o apêndice estiver ordenado no enunciado à direita da unidade de Tópico, será denominado Apêndice de Tópico (APT), e se estiver ordenado à direita da unidade de Comentário, será denominado Apêndice de Comentário (APC). De modo geral, sua principal função em termos informacionais é de mera compilação do texto. Entonacionalmente, o APT e o APC não são iguais. Ambos não possuem foco, mas o APT, contrariamente ao APC, pode possuir movimento. O APC possui um perfil nivelado ou descendente.

As unidades informacionais de Comentário, de Tópico e de Apêndice de Comentário são unidades distintas e as mais importantes dentro da Teoria da Língua em Ato, porque são aquelas que compõem o texto propriamente dito. Há, também, mais quatro unidades tidas como de composição textual: as unidades de Parentético (ou “PAR”), de Introdutor locutivo (ou “INT”), Apêndice de Tópico (ou “APT”) e Unidade de Escansão (ou “SCA”). Além dessas unidades há outras seis consideradas dialógicas. São elas: Incipitário (ou “INP”), Conativo (ou “CNT”), Conector Textual (ou “TXC”), Fático (ou “PHA”), Alocutivo (ou “ALL”) e Expressivo (ou “EXP”).⁶

Os Incipitários têm a função de sinalizar o início do enunciado em função contrastiva com relação ao enunciado anterior. Distribucionalmente, aparecem sempre em início de

⁶ As unidades de Incipitário (INP), Conativo (CON), Conector Textual (TXC) são de “ativação forte, enquanto as unidades de Fático (PHA), Alocutivo (ALL) e Expressivo (EXP) de ativação fraca. É importante ressaltar aqui que “ativação”, para Cresti, não é um conceito fonético, pois a Teoria da Língua em Ato entende ativação como uma “ativação afetiva”, e não uma medida fonética.

enunciado. Eles possuem um perfil entonacional muito alto e rápido, com subida e descida; e intensidade forte. É uma unidade muito freqüente. (MAIA ROCHA, RASO, ANDRADE; 2008)

Os Fáticos são controladores do bom funcionamento da comunicação, sinalizando a manutenção da abertura do canal comunicativo. Podem ocorrer em qualquer posição; seu perfil entonacional é curto, com intensidade baixa e movimento pouco relevante. É uma unidade muito freqüente.

Os alocutivos (RASO, GOULART; 2008) também controlam a comunicação se dirigindo diretamente ao interlocutor, através de nomes próprios, títulos, pronomes pessoais, adjetivos qualificativos afetuosos ou ofensivos, com função de distingui-lo de outros possíveis interlocutores ou de marcar a coesão social. Sua distribuição também é livre no enunciado, mas ocorre preferencialmente no seu início. Seu perfil é caracterizado por um movimento descendente e levemente modulado. Tradicionalmente são classificados como vocativos.

Os conativos podem ocorrer em qualquer posição, mas normalmente aparecem em final de enunciado. Sua função é pressionar o interlocutor a fazer ou desistir de algo. Às vezes, há nessa unidade tonal uma sustentação do tipo diretivo, mas sem interpretabilidade em autonomia.

Os Expressivos enfatizam a atitude do falante, estimulando o interlocutor a compartilhar um ponto de vista. Podem ocorrer em qualquer posição dentro do enunciado. Prosodicamente são marcados por um movimento ascendente-descendente da frequência fundamental (F0).

Por últimos estão os conectores textuais, cujo objetivo é explicitar a vontade do falante de continuar o turno, sem, no entanto, fazê-lo através de um contraste entre o novo enunciado e o enunciado precedente. Essas unidades ocorrem no início do enunciado ou dentro de uma estrofe⁷ e, prosodicamente, são marcadas por um movimento modulado de F0, duração longa, intensidade alta e velocidade baixa.

2. A unidade de Apêndice de Comentário (APC)

⁷ A estrofe é uma produção que não realiza um padrão informacional, mas se processa na 'onda' de um pensamento que vai se fazendo e que se manifesta enquanto dura certa atitude em relação ao interlocutor. Ela não é uma entidade modelo, mas um entidade processual.

É sabido que, na primeira metade do século passado, alguns estudos já se voltavam para os aspectos da diamesia falada (SAUSSURE 1916; BALLY 1932). As propostas teóricas apresentadas continham certo grau de consenso em relação a alguns construtos e aspectos morfossintáticos típicos do texto oral. Entre os construtos em geral associados à expressão “sintaxe da segmentação” têm-se o deslocamento à direita e o deslocamento à esquerda, as orações clivadas e pseudoclivadas, os anacolutos, as inversões e as frases nominais.

Na literatura tradicional, a funcionalidade do apêndice é caracterizada segundo a estrutura de deslocamento à direita. Entretanto, no quadro teórico proposto por CRESTI (2000), este e outros aspectos funcionais devem ser considerados com bases na articulação informacional, sinalizada pela entonação, e fundamentados em análises complexas de *corpora*. Essas análises, segundo Cresti, têm revelado que diversos construtos e fenômenos de segmentação podem apresentar-se de forma articulada em diferentes unidades tonais ou em forma linearizada, dentro da mesma unidade tonal.

2.1 A definição de APC para Cresti (2000)

Segundo a Teoria da Língua em Ato, a unidade de APC é uma unidade textual que integra textualmente a unidade de Comentário à qual se refere: “Le Appendici sono state definite da Cresti (Cresti, 2000) come ‘l’integrazione testuale di un’unità informativa di Comment o di Topic’, e in quanto tali devono necessariamente seguire l’unità di cui sono integrazione, in questo caso il Comment”. (ELENA TUCCI, 2006:23)⁸.

2.1.1 Critérios distribucional, funcional e entonacional

Funcionalmente, a unidade de apêndice de comentário é definida por CRESTI (2000) como a unidade que realiza uma mera compilação de um texto, devendo estar posicionada distribucionalmente após a unidade da qual faz a integração, ou seja, a unidade de COM. Ulisses (2008:81) explica esse fato dizendo que “*um falante diante da tarefa de realizar uma unidade de COM ou TOP, e percebendo problemas de execução, seja por questões de erros,*

⁸ “Os apêndices foram definidos por Cresti como sendo ‘a integração textual de uma unidade informativa de comentário ou de tópico’, e como tal devem necessariamente seguir a unidade à qual estão interligados; nesse caso, o comentário” (tradução minha).

por mudar de idéia quanto ao que disse, ou por achar que aquilo que disse não é adequado, imediatamente integra novas estruturas lingüísticas à unidade que o precede em forma de apêndice, de modo a realizar a sua expansão semântica, correção ou reestruturação.”

Entonacionalmente, a unidade de APC se configura como uma unidade de sufixo (t’HART,COLLIER,COHEN; 1990), subordinada ao COM, e não possui foco funcional, mantendo sempre um perfil nivelado ou descendente, identificado por um abaixamento do tom de voz, pela baixa intensidade e pelo fato desse movimento único corresponder à unidade tonal inteira, sem variação de movimento, independente da estruturação silábica (CRESTI 2002a; FIRENZUOLI, 2002).

Distribucionalmente, deve suceder a unidade informacional de comentário, mesmo que não de forma contígua.

Além disso, não é uma unidade autônoma, ou seja, não pode ser interpretável isoladamente. Outra característica da unidade de apêndice refere-se ao valor médio de F0, que pode variar conforme o término da unidade de COM.

Vejamos um exemplo:

*REG: omitir /=COM= só //APC

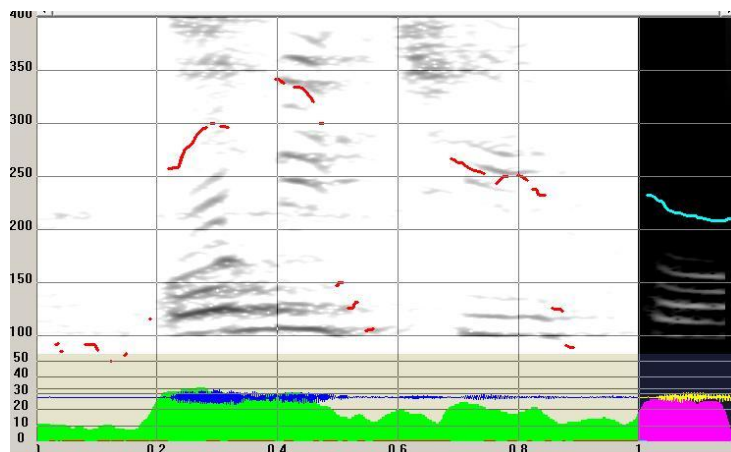


Figura 1 – Unidade de Apêndice de Comentário

A figura 1 ilustra um enunciado realizado em duas unidades informacionais. A primeira delas é uma unidade de comentário, *omitir*, e a segunda unidade, que se apresenta com espectrograma evidenciado em preto, uma unidade de apêndice de comentário, *só*.

Para nos certificarmos de que a segunda unidade é realmente uma unidade de APC e não outra, ocupando a mesma posição em final de enunciado, procuramos aferir a média da frequência fundamental e sua intensidade, em relação à unidade de COM. Os resultados obtidos para o COM foram de F0 média de 271,31 Hz e Intensidade média de 23,77 dB. A segunda unidade, que apenas integra a unidade anterior, com função de preenchimento⁹, tem sua F0 média de 256,39 Hz e possui uma intensidade média de 23,15 dB. O fato de a média de F0 da unidade de APC ser menor que a do Comentário permite que a segunda unidade seja um APC. Embora esse critério seja essencial para a identificação da unidade de APC, não é o único. Para a certificação de uma unidade são necessários também a análise dos critérios distribucional e funcional, elencados por Cresti. Como meu objetivo aqui é tratar da classificação informacional e morfossintática, detive-me apenas nos critérios distribucional e funcional.

2.1.2 Classificação Informacional do APC

A unidade de APC é por definição uma unidade de integração textual. O fato de lhe faltar um foco informacional leva-nos a pensar que essa unidade representa uma simples compilação textual. A maior parte das expressões que são usadas funcionalmente como unidade de APC correspondem a um conteúdo “vazio” ou a um conteúdo genérico do ponto de vista semântico. Estudos realizados por ELENA TUCCI (2006) com dados do C-ORAL-ROM¹⁰ nos permitem distinguir entre os diferentes tipos de informação que integram a unidade de comentário. ELENA TUCCI operou uma primeira classificação dessas informações em quatro categorias distintas: repetições de expressões do tema, preenchimento, retomada textual e informação tardia.

As repetições de expressões do tema do discurso são discriminadas por tipologia ou distribuição e podem ser literais (aquelas que não modificam uma dada expressão lingüística) ou com variação (a repetição do conteúdo semântico apresenta-se em forma de sinônimos ou perífrases). Distribucionalmente, as repetições podem ocorrer: 1) de forma contígua: quando o

⁹ Assunto a ser tratado na próxima seção.

¹⁰ Trata-se de um projeto europeu cujo objetivo é fornecer corpora comparáveis das quatro línguas românicas principais (italiano, francês, espanhol e português europeu), tendo como princípio a segmentação de textos orais em enunciados e em unidades tonais (de acordo com a Teoria da Língua em Ato).

conteúdo repetido é expresso no mesmo enunciado; 2) não-contígua: o conteúdo repetido é expresso em outro enunciado de um mesmo turno, ou fora de turno; e 3) *Leit Motiv*: quando ocorrem como um tipo de refrão no interior de uma conversação ou de um monólogo.

Os **preenchimentos** realizam a expansão da unidade precedente sem repetir seu conteúdo semântico ou acrescentar informações e geralmente constituem-se de advérbios ou advérbios focalizadores¹¹.

A **retomada textual** é a referência ao discurso em si ou à parte do discurso. Pode ser realizada em forma de dêixis discursiva (quando se refere ao discurso em si) ou de recontextualização (quando retoma sinteticamente uma parte do discurso).

A **informação tardia** refere-se à adição de novas informações, quando a unidade de comentário em si é suficiente para cumprir a ilocução.

2.1.3 Correlatos semânticos e morfossintáticos

De um ponto de vista lexical, a unidade de APC apresenta uma alta variabilidade morfossintática, podendo ser composta por palavras isoladas, quase sempre advérbios (conforme se verificou para o italiano na pesquisa com os dados do C-ORAL-ROM), construções sintáticas ou orações. Entre as construções sintáticas, no Italiano, observou-se uma preferência pelos SN e SP. Quando são orações, há uma predominância, segundo esse estudo, de orações subordinadas relativas e finais. Há também algumas ocorrências de orações coordenadas com expressões de obviedade.

2.2 As discussões sobre a unidade de APC

Partindo da perspectiva da Teoria da Língua em Ato (Cresti, 2000), dois trabalhos serão apresentados. O primeiro é uma monografia de ELENA TUCCI (2006), que analisou dados do italiano e o segundo é uma dissertação de mestrado desenvolvida por ULISSES (2008).

2.2.1 O estudo de ELENA TUCCI (2006)

¹¹ Em Português temos alguns advérbios focalizadores, tais como: exatamente, realmente, claramente etc.

TUCCI, em sua monografia, realizou uma pesquisa em um corpus¹² constituído de 5.639 enunciados. Esse estudo analisou textos formais e informais, em italiano, mas não se ateve à especificação das unidades de APC por tipologia textual(monólogo vs diálogo). Os resultados mostraram que essa unidade não tem uma freqüência muito elevada, tendo sido encontradas apenas 4,49% de ocorrência dos APC. No caso dos textos informais o percentual foi de 5,12%, caindo para 3,56% dos enunciados que apresentam APC nos textos formais. A maior incidência de APC no domínio informal é mais um argumento para o fato de que essa unidade não é responsável pela complexidade do enunciado. A fala formal é sempre mais complexa.

Além de classificar as unidades de APC quanto aos critérios entonacional, funcional e distribucional e identificar os correlatos morfossintáticos, ELENA TUCCI (2006) ainda criou uma tipologia para a classificação dessas unidades quanto ao caráter informacional, conforme se verificou na subseção 2.1.2. Esse critério será ilustrado, em PB, na seção 3. Por ora, observem-se os resultados mostrados através da tabela 1 e alguns exemplos utilizados pela pesquisadora, em sua monografia.

	<i>Total</i>	<i>Informal</i>	<i>Formal</i>
Repetições	50%	47%	56%
Preenchimento	5%	7%	3%
Retomada Textual	12%	10%	16%
Informação Tardia	33%	36%	26%

Tabela 1: Freqüência de variação informacional do total de APC nos dois modos: informal e formal
Fonte: Elena Tucci (2006:29)

Através da tabela 1 percebe-se que a ocorrência de APC, em italiano, com função de repetição é maior que as demais categorias, tanto na tipologia informal, quanto formal. As demais categorias também aparecem, mas em menor escala. Contudo, a informação tardia também tem uma relevância significativa, alcançando um terço do total.

Para uma melhor compreensão do que vem a ser essa categorização, ilustro alguns exemplos, em italiano, que aparecem na monografia da pesquisadora.

1)Repetição

¹² Esse corpus faz parte do C-ORAL-ROM

*ANT: <se non è bravo /=TOP= allora magari ti verrà da ridere /=COM= **perché non è bravo**> //APC=

(*ANT: <se não é bom /=TOP= então talvez você vá rir /=COM= **porque não é bom**> //APC=

Nesse primeiro exemplo, o falante faz uso de uma oração subordinada, “*perché non è bravo*”, para repetir algo que já havia sido dito, por isso o exemplo recebe a classificação de “repetição”, nesse caso com variação.

2) Preenchimento

*MON: Montgomery era / cauto direi /=COM= **ecco** //APC=

(*MON: Montgomery foi / cauteloso eu diria /=COM= **ó** //APC=)

No segundo exemplo, o APC tem característica de preenchimento, já que realiza a expansão da unidade precedente, *Montgomery era / cauto direi*, sem repetir seu conteúdo semântico ou acrescentar informações. Funciona como um apoio para concluir de melhor maneira o enunciado.

3) Retomada Textual

*GAB: cioè /=TOP= che prove ci sono /=COM= **in questo senso** //APC=

(*GAB: ou seja /=TOP= que provas há /=COM= **nesse sentido** / /=APC=)

No terceiro exemplo, a unidade de APC é utilizada como recontextualização, retomando sinteticamente uma parte do discurso.

4) Informação Tardia

*ZIA: mi faceva anche rabbia /=COM= **tante volte** //APC=

(*ZIA: Eu sentia raiva também /=COM= **muitas vezes** //APC=)

No quarto exemplo, o apêndice funciona como uma informação tardia.

Além de contabilizar as tipologias informacionais das unidades de APC, ELENA TUCCI (2006), conforme mencionado, também se ocupou dos correlatos morfossintáticos. As tabelas 2 e 3 ilustram o número de orações (coordenadas e subordinadas). Salientamos que

essa diferença é bastante grande se levarmos em consideração a comparação entre os domínios formal e informal. Veja-se que as proporções dos diferentes correlatos morfossintáticos variam muito dependendo dos domínios formal e informal. As orações, no contexto formal, ocorreram 58,5% a mais do que no contexto informal. As expressões isoladas são presentes quase quatro vezes mais no domínio informal do que no formal. As construções sintáticas diminuíram cerca de 40% passando do domínio formal para o informal. Esses resultados nos possibilitam afirmar que embora a unidade de APC ocorra tanto nos domínios formal quanto informal, a diferença na distribuição das tipologias informacionais é sempre significativa.

	<i>Total</i>	<i>Informal</i>	<i>Formal</i>
Expressões Isoladas	19%	24,54	6,58
Construções Sintáticas	63%	54,06%	80,26%
Orações	18%	20,86%	13,16%

Tabela 2: Variação morfossintática do total de APC nas tipologias informal e formal

Fonte: Elena Tucci (2006:41)

As expressões isoladas que ocorrem com muita frequência são os advérbios, seguidos pelos pronomes, num percentual menor, e, às vezes, pelos adjetivos. É significativo o fato de que na categoria de nomes há apenas nomes próprios.

<i>Expressões Isoladas</i>	<i>% sobre o total de apêndices</i>
Advérbio	12,97%
Adjetivo	1,25%
Nome Próprio	0,83%
Pronome	3,75%

Tabela 3: Distinção de expressões isoladas no total de APC

Fonte: Elena Tucci (2006:41)

As construções sintáticas representam 63% do total dos APC presente no *corpus* de italiano e constituem-se de sintagmas nominais, sintagmas verbais, preposicionais, adverbiais e adjetivais. A ocorrência de sintagmas no *corpus* de italiano está melhor detalhada na tabela abaixo.

<i>Construções Sintáticas</i>	<i>% sobre o total de apêndices</i>
SINTAGMA NOMINAL	21,34%
SINTAGMA VERBAL	4,18%
SINTAGMA PREPOSICIONAL	34,31%
SINTAGMA ADVERBIAL	2,51%
SINTAGMA ADJETIVAL	0,42%

Tabela 4: Frequência de sintagmas sobre o total de APC

Fonte: Elena Tucci (2006:44)

As orações são constituídas de orações subordinadas, coordenadas ou orações principais. No *corpus* de referência, 14,71% dos APC são orações subordinadas de vários tipos, conforme se poderá verificar na tabela 5, abaixo. A frequência mais alta de ocorrência é de orações subordinadas relativas (43%), seguida das orações subordinadas objetivas (32%). O percentual menor de ocorrência está entre as subordinadas finais, temporais, modais, limitativas e explicativas. As orações coordenadas representam 3% dos preenchimentos locutivos presentes nos APC e tratam-se de coordenadas através das conjunções “e” e “ou”.

	<i>Total</i>	<i>Informal</i>	<i>Formal</i>
Relativas	43%	42%	44%
Objetivas	32%	31%	33%
Finais	9%	8%	11%
Temporais	6%	8%	0%
Modais	6%	8%	0%
Explicativa	3%	4%	0%
Limitativa	3%	0%	11%

Tabela 5: Ocorrência de APC nas Orações Subordinadas

Fonte: Elena Tucci (2006:52-53)

2.2.2 O estudo de ULISSES (2008)

Ulisses, juntamente a Alves de Deus (2009), fez parte de um projeto-piloto, cujo objetivo era a realização de todas as fases de constituição e análise do corpus (conforme descrito em Cresti, Moneglia (2005)) para posterior constituição de um corpus do PB, o C-ORAL-BRASIL. Nesse piloto foram utilizados três textos, sendo um dialógico (texto I) e dois tendencialmente monológicos (Textos II e III), totalizando 33,32 minutos de gravação, 5337 palavras e 874 enunciados. No texto I havia uma interação entre professor e aluno e nos textos II/III a interação se dá entre professora-coordenadora e professora colega de trabalho.

Um dos participantes do texto I, GBL¹³, tinha 14 anos de idade na data de realização da coleta de dados e cursava a 7ª série do ensino fundamental, não possuindo outras atividades profissionais. O outro participante/pesquisador era LNO, possuía, na data de coleta de dados, 26 anos de idade e graduação de Letras.

¹³ Todos os nomes utilizados nesse artigo são nomes fictícios.

Já nos textos II/III aparecem a informante FBA e a pesquisadora ADR. FBA possuía 30 anos de idade e graduada em Inglês. ADR, pesquisadora responsável por este estudo, possuía na data de coleta de dados 33 anos. Ela é graduada em Letras.

Nenhum dos textos analisados por Ulisses é prototípicamente dialógico ou monológico. Pode-se dizer que comparativamente os textos II e III são mais formais e mais monológicos do que o texto I.

O fato de haver uma relação profissional entre a informante dos textos II/III e a pesquisadora, e de o assunto da interação ser sobre trabalho, o tornam tendencialmente mais monológico e formal, com uma fala muito mais controlada. Ao contrário, o texto I é de um adolescente que narra seu processo de ensino/aprendizagem escolar. Esse texto é claramente dialógico e informal, a pesar de se tratar de uma interação entre professor e aluno. Esse aluno é um adolescente em processo de aquisição da norma culta e dos requisitos necessários para uma fala formal. Essas características dos textos, portanto, relativizam a classificação da amostra em formal e informal, além de dialógico e tendencialmente monológico (ou seja, com turnos muito longos).

Antes de ilustrarmos as análises realizadas por ULISSES (2008), faz-se necessário dizer que os avanços na aplicação da teoria tiram hoje parte da confiabilidade numa identificação rigorosa das unidades de APC realizadas na época da pesquisa. Isso, no entanto, não elimina nosso interesse nas conclusões da pesquisadora.

As análises mostraram que no texto I, o APC ocorre em 14,45% dos enunciados e nos textos II/III em 10,14%. Embora a diferença percentual de ocorrência de APC entre os textos I e II/III seja pequena, esses dados indicam que o APC tende a aparecer mais nos textos dialógicos e informais, confirmando a tendência mostrada por ELENA TUCCI (2006) e deixam supor que a unidade de APC seja bem mais freqüente em PB do que em italiano. Essa última consideração deve ser confirmada e analisada em uma amostra significativa.

As tabelas 6 e 7, a seguir, detalham as funções desempenhadas pelo APC, nesse estudo. A classificação dessas funções não é tão simples, conforme já apontara Ulisses (2008:187). Acredita-se, todavia, que é um primeiro passo para compreender as funções da unidade. Pensa-se, no entanto, que novas pesquisas permitirão melhorar ainda mais essa categorização proposta por ELENA TUCCI (2006).

	<i>Total</i>	<i>Percentual</i>	<i>Total - Textos</i>	<i>Percentual</i>
--	--------------	-------------------	-----------------------	-------------------

	<i>Texto I</i>	<i>Texto I</i>	<i>II e III</i>	<i>Textos II e III</i>
REPETIÇÃO	11	44,0%	04	19,04%
PREENCHIMENTO	02	8,0%	05	24,01%
RETOMADA TEXTUAL	01	4,0%	05	23,72%
INFORMAÇÃO TARDIA	11	44,0%	07	33,23%
TOTAL	25	100%	21	100%

Tabela 6: Classificação Informacional dos Textos I, II e III

Fonte: Ulisses (2008:187)

Uma comparação quanto à classificação informacional das unidades de APC, no contexto informal do italiano, se faz necessária.

	ELENA TUCCI	ULISSES
Repetições	47%	32,6%
Preenchimento	7%	15,21%
Retomada Textual	10%	13,04%
Informação Tardia	36%	39,15%

Tabela 7: Comparação entre ELENA TUCCI (2006) e ULISSES (2008) quanto à frequência de variação informacional do total de APC no modo informal

Dada a falta de relevância estatística do estudo de Ulisses (2008), podemos dizer que as proporções não mostram uma grande variação. Acredito, contudo, que somente uma análise de um corpus maior em PB poderá nos mostrar se a unidade de APC comporta-se de maneira similar entre as duas línguas.

	<i>Total Texto I</i>	<i>Percentual</i>	<i>Total – Textos II e III</i>	<i>Percentual</i>
SINTAGMAS	21	84,0%	14	66,66%
EXPRESSÕES ISOLADAS	04	16,0%	07	33,34%
TOTAL	25	100%	21	100%

Tabela 8: Ocorrência de expressões sintagmáticas e isoladas nos Textos I, II e III

Fonte: Ulisses (2008:188-189)

As proporções das categorias que constituem a unidade informacional de APC no texto I e nos textos II/III são variadas, variação essa condicionada, provavelmente pela função realizada pelo APC no enunciado. Nesse estudo, distinguiram-se os sintagmas e as expressões

isoladas (advérbios, pronomes, adjetivos e nomes próprios). A tabelas 8, acima, ilustra esse percentual de ocorrências.

O sintagma é o principal correlato morfossintático do APC nos textos I e II/III, com média de 76,08% de ocorrência. Os outros correlatos correspondem às expressões isoladas, em média 23,92%. A categorização morfossintática proposta por ELENA TUCCI (2006) não foi utilizada na íntegra por Ulisses (2008) com o objetivo de preservar as funções sintáticas. A frequência dos vários tipos de sintagmas identificados na amostra foi ilustrada na tabela 9.

	<i>% Sobre o total de apêndices do Texto I</i>	<i>% Sobre o total de apêndices dos textos II E III</i>
SINTAGMA NOMINAL	12,0%	14,3%
SINTAGMA VERBAL	32,0%	4,8%
SINTAGMA PREPOSICIONAL	40,0%	52,7%
SINTAGMA ADVERBIAL	16,0%	23,4%
SINTAGMA ADJETIVAL	0,0%	4,8%
TOTAL	100%	100%

Tabela 9: Frequência de sintagmas encontrados nos Textos I, II e III

Fonte: Ulisses (2008:190)

No estudo de Ulisses (2008), as expressões isoladas que constituem o APC são realizadas em forma de advérbios e pronomes. Na categorização de classificação morfossintática proposta por TUCCI (2006) são consideradas como expressões isoladas todas as ocorrências de advérbios, adjetivos, pronomes e nomes próprios. O percentual de ocorrência das expressões isoladas está ilustrado na tabela 10. Nos estudos de Ulisses, por exemplo, a ocorrência de adjetivos é praticamente nula, dada a pequena amostra analisada.

	<i>% Sobre o total de expressões isoladas no Texto I</i>	<i>% Sobre o total de expressões isoladas no Texto II e III</i>
ADVÉRBIO	100%	83,33%
ADJETIVO	0,0%	16,67%
NOME PRÓPRIO	0,0%	0,0%
PRONOME	0,0%	0,0%
TOTAL	100%	100%

Tabela 10: Percentual de ocorrência de expressões isoladas no Texto I, II e III

Fonte: Ulisses (2008:191-192)

Ulisses (2008:91), na conclusão de seu trabalho, aponta para o fato de que, na fala espontânea do PB, com a perda dos clíticos, se perde a diferença entre as estruturas deslocadas em unidades tonais diferentes e estruturas deslocadas na mesma unidade tonal, principalmente nos deslocamentos à direita, em que a ordem natural é mantida e nenhum elemento sintático sinaliza o deslocamento. Logo, em PB, contrariamente ao italiano, os deslocamentos à direita correspondem todos a uma unidade tonal suplementar colocada à direita do COM, seja ela uma APC ou um COB.

Metodologia de coleta de dados

Nesta seção, apresento a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados que constituem os oito textos que compoem esse estudo. Os textos não foram analisados sistematicamente, seguindo padrões estatísticos, já que se tratava de um número pouco representativo de dados.

Os participantes convidados a serem informantes do presente estudo foram informados dos objetivos e características do C-ORAL-BRASIL e convidados a assinar um Termo de Consentimento.

A tabela 13 apresenta esses oito textos analisados, com seus respectivos participantes, domínios, títulos, descrição sintética de cada situação de interação e número de palavras. Várias características como diastratia, acionalidade e outras não foram exploradas.

<i>Texto</i>	<i>Participantes</i>	<i>Domínio</i>	<i>Título</i>	<i>Descrição Situacional</i>	<i>Nº Palavras</i>
bpubdl 01	ROG, Rogélio (homem, pedreiro, Inhapim/MG) e PAU, Paulo (homem, engenheiro-agrônomo / dirigente de órgão ambiental, Lavras/MG)	Público / dialógico	Obra no sítio	Diálogo entre engenheiro e pedreiro quando da construção em um sítio.	1581
bpubdl 02	EUG, Eugênio (homem, comerciante, vendedor de calçados, Belo Horizonte/MG) JAN, Janayna (mulher, estudante de graduação,	Público / dialógico	Compra de sandália	Diálogo entre um vendedor de calçados e uma cliente.	1524

	cliente, São Paulo/SP).				
bfamdl02	BAL, Bruno (homem, estudante, Santa Bárbara- MG) e Maria Isabel (mulher, estudante, Belo Horizonte/MG).	Familiar / monológico	Guardando equipamento	Diálogo entre dois estudantes, enquanto um deles guarda o equipamento.	1585
bfamdl08	LUA, Luciana (mulher, professora, Belo Horizonte/MG) LIA e Lígia (mulher, empregada doméstica, Belo Horizonte/MG)	Familiar / Dialógico	Sobrancelha	Diálogo entre duas amigas que conversam enquanto uma faz a sobrancelha da outra	1575
bfamdl13	REG, Regina (mulher, comerciante, Contagem/MG) e HEL, Héliida (mulher, desempregada, Contagem/MG).	Familiar / Dialógico	Convivência	Diálogo entre duas conhecidas que falam sobre suas experiências em trabalhar com o comércio.	1590
bfammn01	MAI, Mailton (homem, narrador, Teófilo Otoni/MG)	Familiar / monológico	A cobra	Narração de uma cobra supostamente existente em Araçuaí.	1086
bfammn02	DFL, Flávia (mulher, dona de casa, narradora, Itabira/MG)	Familiar / monológico	Drummond	Monólogo da avó com o neto sobre a família Drummond	1753
bfammn05	CAR, Carmosina (mulher, narradora, doméstica, Alpergata/MG)	Familiar / monológico	Adoção	Narração sobre a adoção da filha mais nova.	1583

Tabela 11: Participantes, domínio, título, descrição situacional e número de palavras dos textos

Através da tabela 11, então, pode-se verificar que o estudo se deu em quatro diálogos e quatro monólogos, dos quais participaram cinco homens e sete mulheres com nível de escolaridade variável.

3. Análise informacional

Como já foi dito, ELENA TUCCI (2006) propõe que as unidades de APC, como unidades integradoras que são, sejam categorizadas em repetições de expressões do tema, preenchimento, retomada textual e informação tardia. O quadro 1, a seguir, detalha as funções desempenhadas pelo APC em vinte exemplos de nossa amostra. Desse total, há doze exemplos de APC em textos dialógicos e oito exemplos em textos monológicos.

Exemplos	Textos		Análise Informativa
1	bfamdl13	*HEL: vendedor / não fala a verdade / o tempo inteiro // e eu uma coisa que eu não sou + não é assim / né // mentir / todo mundo mente // é óbvio / né // *REG: omitir /=COM= só // =APC=	Preenchimento
2	bfammn01	*MAI: <u>o diâmetro dela</u> deve dar uns [1]=SCA= uns quarenta cinquenta centímetro de [1]=SCA= de &s [2]=EMP= de grossura /=COM= o diâmetro dela // =APC=	Repetição
3	bfamdl02	*BAL: [224] <porque /=PHA= isso aqui> /=TOP= <isso aqui> foi feito pra ser pregado aqui // =COM= *BEL: [225] ahn // =COM= *BAL: [226] então ele vai em qualquer lugar // =COM= tá vendo /=CNT= tem o velcro aqui /=COM= e tal // =APC=	Preenchimento
4/5	bpubdl01	*ROG: a linha aqui gasta <muita extensão> // *PAU: <cadê sua> trena // tá aqui // *ROG: ea tá lá no carro // eu vou <buscar ea> // *PAU: <não / depois> pega lá / então // *ROG: é // *PAU: porque + ah / eu tenho uma aqui // pequeninha // então aqui / quarenta centímetros // *ROG: <u>que ali e' ficou com quarenta e cinco</u> // *PAU: aonde /=COM= que ficou /=APC= com quarenta-e-cinco // =APC=	APC 1 = Repetição APC 2 = Repetição
6	bfammn01	*MAI: aí / deu a noite / e a muié nũ podia sair pra poder / ir atrás de alguém // que já tava muito tarde // <u>segundo ele falou comigo</u> / o parente dele / &he / desse que morreu // pegou e &ente + &he / no outro dia que o sol tava [1] já tinha saído e tava tudo bem / ela pegou e &f [2] e foi atrás de [1] de alguém // pra vir matar a cobra / a cobra tava [1] continuou enrolada nele // certamente ea tava quereno fazer o seguinte / eu [1] eu matei esse / eu vou matar o resto tudo / &de [1] dentro da casa // eu nũ sei / né / a imaginação dum [1] dum animal / o que que pode ser / né // ea pegou e / &he / a dona foi atrás de [1] de alguém / as pessoa veio com arma / forte / espingarda / de cartucho	Repetição com variação

		/ e teve que atirar no corpo da [1] do cara que ela tava enrolada no corpo pra poder matar ela // diz que [2] diz que era enorme // só até que eu sei o caso /=COM= que ele me contou /=APC=	
7	bpubdl02	*EUG: mas ele ã deixa de ser legal / também // olha pr' ocê ver / cê tá de blusa lilás // /=COM= também /=APC= né //	Preenchimento
8	bpubdl02	*EUG: <maciinha> // várias cores // quer dizer / dependendo do número / né // porque tem pouco // e isso aí era da coleção + quer dizer / isso aqui ã tem outono / ã tem inverno / ã tem verão // cê usa o ano inteiro /=COM= essas Birk // =APC=	Retomada Textual
9	bfammn05	CAR: // carinhosa // queria uma criança que ã me desse trabalho /=COM= e tudo // =APC=	Preenchimento
10	bfamdl13	*HEL: / ela adora essas coisas // ela borda // ela faz se tiver [/] apesar que bijuteria tem muito tempo que + // ela fazia assim / chaveirinho / <u>essas coisas assim</u> // ela adora fazer isso // é / fez até colar /=COM= essas coisas assim /=APC=	Repetição
11	bfamdl08	*LIA: eu / mudaria muita coisa / né // mas só que ocê dá a sua opinião / e deixa o resto com o cliente que quiser / né // por exemplo / ela já é / da sua cor / tem um cabelo no meio das costa / um pouco pesado / anelado // pouco liso / assim // =COM= né // =PHA= também // =APC=	Preenchimento
12	bfamdl02	*BAL: porque /=TMP= &he /=EMP= de certa forma /=PAR= a bancada evangélica /=TOP= eles tão /=SCA= muito contra /=COM= essa coisa // =APC= né // =PHA=	Retomada Textual
13	bpubdl01	*ROG: e eu que nunca peguei uma pranta // =COB= assim // =PHA= pra mim olhar uma pranta // =COM= assim // =PHA= duma casa // =APC= assim // =PHA=	Informação Tardia
14	bfammn01	*DUD: <arrastava com> trator / também // *MAI: ão / <u>com boi</u> // que era só <no meio de mata> / *DUD: <ah / com boi / é> // *MAI: / forte // boiada // já carreguei muita madeira de boi [2] com boi // =APC	Repetição
15	bfammn02	*DFL: / então / &he / tinha uma certa hora / que a Maria Julieta ia de manhã lá pra casa / almoçava lá em casa / e ficava // _ec na hora do banho ela ia pra casa da outra avó // _es *LUC: / hum hum // _es	Preenchimento

		*DFL: e eu tomava meu banho /=CMM= e ia pra casa da outra avó /=COM= também //APC=	
16	bfamdl02	*BEL: cê nunca pensou em [/]=SCA= em [/1]=EMP= em tipo assim /=INT= junto com [/1]=SCA= com linguística e tal /=COB= mexer com isso /=COB= assim/=PHA= dando aula mesmo /=COM= e tal //APC=	Preenchimento
17	bfmmn01	*MAI: nũ é matinha igual essas capoeirinha aqui não / é mata mesmo <u>de / madeira / da grossura que / quatro homem nũ abarca um pau // uma tora / da madeira</u> //APC=	Informação Tardia
18	bfammn01	*MAI: diz que [/2] diz que era enorme // só até aí que eu sei o caso / que ele me contou // ele matou / e essa família saiu desse lugar / não ficou mais / que tinha muito dessas cobra lá // é lugar / perigoso mesmo o norte de Minas / lá // =APC	Preenchimento
19	bfammn01	*MAI: e' [/1] aí ele / pra ela não [/1] não avançar ele de uma vez / ele tirou um chapéu que ele tinha lá // chapéu / que eles lá no interior fala <u>chapéu de barreta</u> // tipo &ba [/2] chama barreta / o material / feito daquele chapéu //APC=	Repetição com variação
20	bfamdl02	*BEL: [240] cê tem que me ver minha irmã arrumando armário //COM= *BAL: [241] eu [/1]=EMP= e eu não sou assim com tudo //EMP= *BEL: [242] <No'> //COM= *BAL: [243] <mas tem> <coisas> +=TOP= *BEL: [244] <ainda bem> /=COM= né //PHA= *BAL: [245] magina eu /=COM= fazendo mala //APC=	Informação tardia

Quadro1 - Análise informacional das unidades de APC

As tabelas 12 e 13, a seguir, detalham as funções desempenhadas pelo APC em nossa amostra.

	TOTAL	PERCENTUAL
REPETIÇÃO	5	62,5%
PREENCHIMENTO	3	37,5%
RETOMADA TEXTUAL	0	0%
INFORMAÇÃO TARDIA	0	0%

TOTAL	8	100%
-------	---	------

Tabela 12: Análise informacional dos APC em textos monológicos

	<i>TOTAL</i>	<i>PERCENTUAL</i>
REPETIÇÃO	3	25%
PREENCHIMENTO	5	41,66%
RETOMADA TEXTUAL	2	16,66%
INFORMAÇÃO TARDIA	2	16,66%
TOTAL	12	100%

Tabela 13: Análise informacional dos APC em textos dialógicos

Os resultados apresentados nas tabelas acima reforçam a premissa de que a unidade informacional de APC é geralmente utilizada para realizar a correção ou o acréscimo de material lexical da unidade de COM.

Na tipologia monológica, encontramos 62,5% de APC com função de repetição e 37,5% com função de preenchimento. As repetições, na tipologia dialógica, ocorrem em um número inferior (25%) quando confrontadas aos textos monológicos. Há 41,66% de APC com função de preenchimento, 16,66% de APC com função de retomada textual e o mesmo valor de APC com função de informação tardia.

Esses resultados nos dão indícios de que a unidade de APC tende a ser mais usual em textos dialógicos e, portanto, como apontara Ulisses (2008), não é uma unidade responsável pela complexidade da fala típica dos textos monológicos. Além disso, podemos observar que dos oito APC que aparecem em textos monológicos, sete são realizados por falantes de diastratia baixa. Uma hipótese forte, a ser averiguada, é que a acionalidade e a diastratia baixa sejam fortes fatores desencadeadores de APC; ou seja, exatamente os fatores opostos aos que desencadeiam a complexidade informacional do enunciado. Isso não nos surpreende se pensarmos que as informações tardias, repetições e preenchimentos são operações típicas de uma fala menos estruturada.

Embora ELENA TUCCI, não tenha realizado seus estudos fazendo a distinção entre as tipologias monológica e dialógica no corpus de italiano falado, o que se viu foi que a repetição é o tipo de função mais frequente para os APC, 50% de ocorrência, e em segundo lugar estaria a informação tardia, com 33% das ocorrências.

3. Correlatos morfossintáticos

Na amostra foram identificados os principais correlatos morfossintáticos dos APC e sua frequência de ocorrência. Os valores obtidos serão discutidos logo abaixo. Inicialmente, apresentamos os APC presentes nos oito textos e seus correlatos morfossintáticos.

Exemplos	Textos		Correlatos Morfossintáticos
1	bfamdl13	*REG: omitir /=COM= só //APC=	Adv
2	bfammn01	*MAI: o diâmetro dela deve dar uns [1]=SCA= uns quarenta cinquenta centímetro de [1]=SCA= de &s [2]=EMP= de grossura /=COM= o diâmetro dela //APC=	SN com função de Sujeito
3	bfamdl02	*BAL: tá vendo /=CNT= tem o velcro aqui /=COM= e tal //APC=	SAdv
4/5	bpubdl01	*PAU: aonde /=COM= que ficou /=APC= com quarenta-e-cinco //APC=	1 = Oração subordinada 2 = SP
6	bfammn01	*MAI: só até que eu sei o caso /=COM= que ele me contou /=APC=	Oração Subordinada
7	bpubdl02	*EUG: mas ele ã deixa de ser legal / também // olha pr' ocê ver / cê tá de blusa lilás /=COM= também /=APC= né //	SAdv
8	bpubdl02	*EUG: e isso aí era da coleção + quer dizer / isso aqui ã tem outono / ã tem inverno / ã tem verão // cê usa o ano inteiro /=COM= essas Birk //APC=	SN com função de Objeto
9	bfammn05	CAR: queria uma criança que ã me desse trabalho /=COM= e tudo //APC=	SAdv
10	bfamdl13	*HEL: é / fez até colar /=COM= essas coisas assim /=APC=	SN com função de Objeto ou sem função sintática
11	bfamdl08	*LIA: pouco liso / assim /=COM= né /=PHA= também //APC=	SAdv
12	bfamdl02	*BAL: porque /=TMP= &he /=EMP= de certa forma /=PAR= a bancada evangélica /=TOP= eles tão /=SCA= muito contra /=COM= essa coisa /=APC= né //PHA=	SN
13	bpubdl01	*ROG: e eu que nunca peguei uma pranta /=COB= assim /=PHA= pra mim olhar uma pranta /=COM= assim /=PHA= duma casa /=APC= assim //PHA=	SP
14	bfammn01	*MAI: já carreguei muita madeira de boi	SP

		[/2] com boi // =APC	
15	bfammn02	*DFL: e eu tomava meu banho /=CMM= e ia pra casa da outra avó /=COM= também //APC=	Adv
16	bfamd102	*BEL: cê nunca pensou em [/]=SCA= em [/1]=EMP= em tipo assim /=INT= junto com [/1]=SCA= com linguística e tal /=COB= mexer com isso /=COB= assim/=PHA= dando aula mesmo /=COM= e tal // =APC=	SAdv
17	bfammn01	*MAI: uma tora / da madeira // =APC=	SP
18	bfammn01	*MAI: é lugar / perigoso mesmo o norte de Minas / lá // =APC	Adv
19	bfammn01	*MAI: tipo &ba [/2] chama barreta / o material / feito daquele chapéu // =APC=	Oração Subordinada
20	bfamd102	*BAL: [245] imagina eu /=COM= fazendo mala // =APC=	SV

Quadro 2 - Correlatos Morfossintáticos das unidades de APC

As expressões que constituem a unidade informacional de APC são variadas, variação essa condicionada pela função realizada pelo APC no enunciado. Seguindo, então, o mesmo critério de ELENA TUCCI (2006:41), primeiramente, na tabela 14, distinguir-se-ão as expressões isoladas, as construções sintáticas e as orações. Na tabela 15 essas três categorias serão subdivididas para uma melhor visibilidade dos resultados.

Embora saibamos que o material apresentado seja pouco representativo para se fazer um levantamento estatístico, indicamos o produto das análises em percentual por acreditar que essa seja uma maneira mais eficiente de salientar os resultados.

A tabela 14 nos revela que 25% dos APC exercem função de expressões isoladas, nos textos monológicos, bem como de orações. Do restante analisado, 50% dos APC são construções sintáticas. Nos textos dialógicos, o resultado não é muito diferente. Há 8,33% dos APC em expressões isoladas, 83,33% em construções sintáticas e 8,33% em orações.

	<i>Textos Monológicos</i>	<i>Percentual</i>	<i>Textos Dialógicos</i>	<i>Percentual</i>
Expressões Isoladas	2	25%	1	8,33%
Construções Sintáticas	4	50%	10	83,33%
Orações	2	25%	1	8,33%
Total	8	100%	12	100%

Tabela 14: Frequência de sintagmas sobre o total de APC

A tabela 15 nos mostra que nos textos monológicos os SAdv e SP representam 75% do total de APC. Em seguida aparecem os SN e Orações, com 12,5% de ocorrências, perfazendo um total de 25%. Quanto aos textos dialógicos, os resultados são um pouco diferentes. Os SAdv se sobressaem com 33,33% do total de APC, seguidos pelos SN que perfazem um total de 25% de ocorrências; há, também, 16,66% de APC com função de SP e o mesmo valor com função de Oração; por último aparecem os ADV com 8,33% de ocorrências de APC.

	<i>Total em textos monológicos</i>	<i>Percentual</i>	<i>Total em textos dialógicos</i>	<i>Percentual</i>
ADV	2	25%	1	8,33%
SN	1	12,5%	3	25%
SADV	1	12,5%	4	33,33%
SPREP	2	25%	2	16,66%
Orações	2	25%	2	16,66%
TOTAL	8	100%	12	100%

Tabela 15: Correlatos morfossintáticos de APC em textos monológicos e dialógicos

Conclusão

Meu objetivo foi o de entender o papel e a forma de realização da unidade informacional de APC na fala espontânea do PB, embora o número de dados analisados seja pouco representativo para o que se quer investigar. No entanto, acredita-se que uma metodologia de trabalho foi adquirida.

Referências Bibliográficas

1. ALVES DE DEUS. (2008). A Unidade Informacional de Tópico no Português do Brasil. 230f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
2. AUSTIN, J. (1962). *How to do things with words*. Oxford: Clarendon. Bernardo (a c. di), *Logica deontica e semantica*, Bologna, Il Mulino, pp. 147-165. Bernard Pottier (2000). *Représentations mentales et catégorisations linguistiques*, Louvain e Paris, Peeters, 2000.
3. BALLY, C. (1932). *Linguistique générale et linguistique française*. Berna: Francke Verlag.
4. CRESTI, E. (1994). La Stanza: un'unità di costruzione testuale del parlato LABLITA, Università di Firenze. In press. Ferenck Kiefer. (1994). Modality, in Ronald E. Asher (a c. di), *The Encyclopedia of language and linguistics*, Oxford, Pergamon Press, pp. 2515-2520.
5. CRESTI, E. (2000). *Corpus di italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2 voll.
6. _____ . (2002a). L'articolazione informativa topic-comment e comment-appendice: correlati intonativi. Em: Regnicoli, A. (Org.), *La fonetica acustica come strumento di analisi della variazione linguistica in Italia. Atti delle XII Giornate del Gruppo di Fonetica Sperimentale (XII GFS)*. Roma: Il Calamo, p. 153-160.
7. CRESTI E. (2002b). Illocuzione e modalità. In: Beccaria, P. – Marello, C. (eds.). *La parola al testo. Scritti per Bice Mortara-Garavelli*. Torino: Ed. dell'Orso, pp. 133-145.
8. CRESTI, E. (2005a). Enunciato e frase: teoria e verifiche empiriche. In: M. Biffi, O. Calabrese, L. Salibra (Orgs.). *Italia Linguistica: discorsi di scritto e di parlato. Scritti in onore di Giovanni Nencioni*. Siena: Prolagon, p. 249-260.
9. CRESTI E. (2005b). Per una nuova classificazione dell'illocuzione. In: E. Burr (ed.), *Tradizione e innovazione - Atti del VI convergno SILFI (Duisburg 28.06/02.07 2000)*. Firenze: Cesati, pp. 233-246.
10. CRESTI E. (2008). As novidades na Teoria da Língua em Ato. Curso oferecido na PósGraduação em Estudos Lingüísticos da UFMG.
11. CRESTI, E. (2009). La stanza: un'unità di costruzione testuale del parlato. Em: *Atti del X Congresso SILFI: sintassi storica e sincronica dell'italiano. Subordinazione, coordinazione, giustapposizione*. Firenze: Cesati.
12. CRESTI, E. - BACELAR do Nascimento, F. - MORENO Sandoval, A. - VERONIS, J. - MARTIN, Ph., - CHOUKRI, K. (2004). The C-ORAL-ROM CORPUS. A multilingual resource of spontaneous speech for romance languages. In: Lino, M.T. - Xavier, M.F. - Ferreira, F. – Costa, R. – Silva, R. (eds.) *Proceedings of the 4th International Conference on Language Resources and Evaluation*. Paris: ELRA, vol. 2, pp. 575-79.

13. CRESTI, E. – MONEGLIA, M. (2005). C-ORAL-ROM. Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
14. CRESTI, E. - MONEGLIA, M. (2007). C-ORAL-ROM. Comparing Romance Languages in Spontaneous Speech Corpora. In: Silva, T. C. – Mello, H. R. (eds.). Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Belo Horizonte: UFMG.
15. FIRENZUOLI, V. (2003). Verso un approccio allo studio dell'intonazione a partire da corpora di parlato: esempi di profili intonativi di valore illocutivo dell'italiano. In: Maraschio, N. Atti del XXXIV Congresso internazionale di studi della SLI "Italia linguistica anno Mille – Italia linguistica anno Duemila". Roma: Bulzoni, p. 535-5.
16. FIRENZUOLI, V. – SIGNORINI, S. (2003). L'unità informativa di topic: correlati intonativi. In: Atti delle giornate del gruppo di fonetica sperimentale (XIII GFS). Pisa: ETS, p. 177-184.
17. FROSALI, F. "Le unità di informazione di Ausilio dialogico: valori percentuali, caratteri intonativi, lessicali e morfo-sintattici in un corpus di italiano parlato (C-ORAL-ROM)". In: Cresti, Emanuela (org.). Prospettive nello studio del lessico italiano. Firenze University Press, 2008, pp. 417-424. Georg von Wright. (1951). Essays on Modal Logic, Amsterdam, North-Holland, 1951.
18. HART, J. – COHEN, A. – COLLIER, R. (1990). A perceptual study on intonation: an experimental approach to speech melody. Cambridge: Cambridge University Press.
19. Laboratorio Linguistico del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it/>>. Acesso em: 10 julho 2007.
20. MACWHINNEY, B. J. (2000). The CHILDES Project. Tools for Analyzing Talk. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2 voll.
21. MAIA ROCHA, B. - RASO, T. – ANDRADE, M. I.(2008).. Alguns auxílios dialógicos em italiano, português do Brasil e em italianos cultos em contato prolongado com o português do Brasil. In: Fragmentos.
22. MARTIN, Ph., WinPitch (www.winpitch.com).
23. MELLO, H.-RASO, T. Para a transcrição da fala espontânea: o caso do C-ORAL-BRASIL. Em: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, no prelo.
24. MIRANDA, I. C. C. (2001). Aspectos prosódicos da fala do idoso. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. (Dissertação de Mestrado)
25. MONEGLIA, M. (2000). Specifications on the C-ORAL-ROM Corpus. <http://lablita.dit.unifi.it/coralrom/papers/Specifications-CORALROM.pdf>
26. MONEGLIA, M. C-ORAL-ROM. (2005). Un corpus di riferimento del parlato spontaneo per l'italiano e le lingue romanze. In: Korzen, J. (ed.). Lingua, cultura e intercultura. L'italiano e le altre lingue. Atti del VIII convegno SILFI (Copenhagen 22-26 July 2004). Copenhagen: Samfunzlitteratur Press, pp. 229-42.
27. MONEGLIA, M – CRESTI, E. (1997). L'intonazione e i criteri di trascrizione Del parlato adulto e infantile. In: Bortolini, U. – Pizzuto, E. Il Progetto CHILDES Italia. Pisa: Del Cerro, pp. 57-90.
28. OLIVEIRA, C. (2009a). Apêndice de Comentário e Comentários Ligados: uma distinção à luz da Teoria da Língua em Ato. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 05 n.10 1º semestre.

29. _____. (2009b). Distinção entre Apêndice de Comentário, Comentários Ligados e Inciso, três unidades informacionais, em final de enunciado, à luz da Teoria da Língua em Ato. *Revista e_Hum* V2. n.1.
30. RASO, T.-MELLO, H. The C-ORAL-BRASIL corpus. In: Moneglia, M.-Panunzi, A., (orgs.) *Bootstrapping Information from Corpora in a Cross Linguistic Perspective*. Firenze University Press, no prelo b
31. RASO, T.-MELLO, H. Parâmetros de compilação de um corpus oral: o caso do C-ORAL-BRASIL. In: *Veredas*, no prelo c
32. RASO, T., MELLO, H., JESUS, A. U., DE DEUS, L. A. (2007). *A primeira aplicação da Teoria da Língua em Ato ao PB*. Em: *Revista de Estudos da Linguagem*, no prelo (Segundo número de 2007).
33. RASO, T. – ULISSES, A. J. (2008). *Tópico e Apêndice no português do Brasil: algumas considerações*. Em: *Estudos da Linguagem*, 2.
34. RASO, T. – MELLO, H. - DE DEUS, L. – JESUS, A. (2007). Uma aplicação da Teoria da Língua em Ato ao português do Brasil. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, pp.147-166.
35. RASO, T. – MELLO, H. As especificidades da unidade de tópico em PB e possíveis efeitos do contato lingüístico. In: Saraiva, E. – Chaves Marinho, J. *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. In press.
36. RASO, T.-MELLO, H. The C-ORAL-BRASIL corpus, in Moneglia, M.-Panunzi, A., (eds.) *Bootstrapping Information from Corpora in a Cross Linguistic Perspective*. Firenze University Press, in press.
37. RASO, T.-GOULART, L. (2009). Estudo contrastivo do uso de alocutivos em português brasileiro e italiano. In: *Fragments*, 2009.
38. SAUSSURE, F. *Cours de linguistique generale*. Payot: Paris, 1916.
39. SEARLE, J. (1969). *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
40. SIGNORINI, S. (2004a). Il Topic: criteri di identificazione e correlati morfosintattici in un corpus di italiano parlato. In: F. Albano Leoni ; F. Cutugno; M. Pettorino – R. Savy (a c. di) *Atti del convegno nazionale "Il parlato italiano"*. Napoli: M. D'Auria Editore, p. 15-39.
41. TUCCI, E. (2005/2006). L'unità di appendice in un corpus di italiano parlato (C-ORAL-ROM): características intonative, semantiche e morfo-sintattiche. *Tesi de laurea triennale in italianistica*. Università degli studi di Firenze, Facoltà di lettere e filosofia, anno academico.
42. ULISSES, Andréa de Jesus. (2008). *A unidade de apêndice no português do Brasil*. 242 f. *Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos)* – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.